

- Da pretensa incompatibilidade do calomelanos e do bicarbonato de sodio - Relatorio apresentado á Soc. de Med. e Cir. do Rio de Janeiro. - T. VII, pag. 321 - 23 de Setembro de 1902.

Calomelanos e bicarbonato de sodio - O Sr. Moncorvo Filho, relator da commissão nomeada na sessão de 22 de Julho proximo passado para estudar a questão proposta pelo Sr. Dr. Benjamin Moss, conforme consta da acta da mesma sessão, publicada no n. 9 da Revista deste anno, lê o seguinte parecer:

Da pretensa incompatibilidade do calomelanos e do bicarbonato de sodio - a proposito da "Questão Moss".

Illmo. Sr. Presidente e mais membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Dando gostosamente cumprimento ao vosso encargo de responder á questão formulada no

officio do nosso presado consocio e illustre clinico Sr. Dr. Benjamin Moss, de Bello Horizonte, de 16 de Junho do corrente anno datado, depois de plenamente senhores do assumpto, eis-nos nestas linhas transladando o nosso juizo a respeito.

Começaremos por declarar formalmente que, accedendo ao pedido feito na sessão desta Sociedade, limitat-nos-hemos ao estudo da questão sob o ponto de vista clinico, que é justamente o que interessa ao pratico em geral e particularmente satisfará ao nosso estimado collegua que, com esmerado criterio, de ha tantos annos se esforça por tornar publicas suas pesquisas medicas.

Seja-nos licito antes do mais, já que tocamos no assumpto, accentuar o nosso desagrado ao assistirmos á apathia e á indifferença com que, por via de regra, são recebidas as producções intellectuaes em nosso meio, tão sensivelmente differente daquelle em que labutam as grandes cerebrações do ve-

lho e do novo Continente, sempre aureoladas pela admiração dos seus coevos e profundamente prestigiadas pela estima de seus pares.

Parece que, longe de merecer a inveja, o odio, o apódo ou o ridiculo, deveria receber aquelle que procura contribuir para a sciencia palavras de animação, o prestigio, enfim, de que é digno pelo seu esforço e suas locubrações, mórmente em um paiz como o nosso avassalado pela incomprehensivel preguiça que dizem estar ligada ás consequencias deprimentes do clima !

Que cerebro mais pujante que o do brasileiro quando elle procura romper com a apathia em que commumente vive ?

Divagavamos já e ao assumpto palpitante da nossa discussão iamos roubando o precioso tempo.

Encaramos, como diziamos ao principio, o problema a resolver debaixo do ponto de vista clinico, e a ninguem é dado desconhecer o quanto tem de clara e perfeitamente resolvida

a questão estabelecida.

Resumamos a contenda do nosso operoso collega Sr. Dr. Moss.

Affirmou este profissional que houvera empregando com bom resultado o calomelanos associado ao bicarbonato de sodio em varios casos clinicos, principalmente em creanças portadoras de diarrhéas infectuosas.

O Sr. Pharmaceutico Jovelino Mineiro, digno lente da Escola de Pharmacia de Ouro Preto, por motivos que não vêm a pêlo citar, sustentou com o nosso presado confrade uma longa polemica, collocando-se cada um em pontos de vistas differentes: o Sr. Dr. Moss no terreno pratico da clinica, e o Sr. J. Mineiro exclusivamente no da chimica.

Longe de nós a ideia de vir contestar as affirmativas do abalisado lente da Escola de Ouro Preto, pois falta-nos para isso a competencia que é o escopo de qualquer argumentação.

Todavia a nós, cientistas que acompanhamos o movimento da Sciencia universal, é dado folhear em nossas bibliothecas o que escrevem para a divulgação os vultos da chimica e da pharmacologia.

Si é exacto que Dorvault, Polk e Jolly, Verne, Hoglan, Velpus, Andonard, Huguet e outros se mostram propensos a acreditar na possível incompatibilidade do protechlorureto de hydrargyrio e do bicarbonato de sodio, não é menos verdadeiro que muitos outros cujo merito está acima de toda a contestação, e ferido por longa pratica, talento e experimentação, affirmam categoricamente a não compatibilidade dos dois preciosos agentes therapeuticos.

Algumas considerações seja-nos permittir nesse sentido adduzir.

Mialhe (Chimie appliquée à la physiologie e à la thérapeutique) já em 1874 annunçava em sua esplendida obra minuciosas e in-

interessantes experiencias que não podem deixar de ser citadas, embora pareçam em contraposição ás nossas ideias.

O abalísado chimico refere caber a Proust haver depois de 1763 dado a indicação de que o calomelanos em presença dos chloruretos alcalinos se transformava em sublimado corrosivo.

Esta observação de Proust, tão interessante sob o ponto de vista chimico, reproduzida embora em muitas obras e principalmente nas de Dumas e Taddei, havia apenas fixado a attenção dos medicos até ás investigações de Mialhe.

Um envenenamento sobrevindo na Allemaña, consecutivo á administração de alguns grãos de calomelanos associado ao sal ammoniaco, conduziu Petenkoffer a confirmar de novo, por experiencias directas, a producção do sublimado corrosivo nessa conjunctura.

Foi por essa epoca que Mialhe publicou

no "Journal de Pharmacie" de Fevereiro de 1840 uma nota na qual procurou demonstrar:

1.º. Que o chlorureto mercurioso, sob a influencia dos chloruretos alcalinos, dá sempre uma quantidade maior ou menor de sublimado corrosivo; 2.º. Que a esta transformação parcial é que deve o calomelanos suas propriedades medicas.

Estas asseverações tiveram a confirmação posterior de Regimbeau, Abbène, Vicat, Reichmayer, Maire, etc.

As experiencias que se seguem foram praticadas por Mialhe, não para confirmar a transformação do calomelanos em sublimado corrosivo adquirido em sciencia, diz o chimico (Francez), mas para determinar a proporção absoluta do chlorureto mercurico que resulta nesta reacção nas circumstancias dadas.

Para isso o autor preparou um reactivo que denominou de ensaio com a seguinte composição:

Agua distillada.....	10	grammas
Chlorureto de sodio	}	22
Sal ammoniaco		60

Actuando este licor sobre 60 centigrammas de calomelanos a vapor durante 24 horas, a 20 e 25° de temperatura, verificou a produção de 6 milligrammas de sublimado. Em uma segunda experiencia, mas com a temperatura de 40 a 50°, obteve 15 milligrammas de bichlorureto.

Seguem-se curiosissimas reacções que resumiremos:

a) A quantidade de sublimado produzida estará em relação com a quantidade de calomelanos empregada, ou está mais em relação com a proporção do chlorureto alcalino reagente ?

Depois de 8 experiencias claras e rigorosas verificou Mialhe que a quantidade de bichlorureto de mercurio de modo algum está

em relação com a proporção do calomelanos empregado e sempre em relação á dose do alcalino.

b) O grau de solução dos chloruretos alcalinos postos em contacto com o calomelanos influe de modo sensível sobre a quantidade de sublimado produzida ? De 4 experiencias a que procedeu o experimentador verificou que sim.

c) A proporção do calomelanos transformada em sublimado sob a influencia dos chloruretos alcalinos é augmentada ou diminuida pela presença das materias organicas ?

Foram e m numero de 4 as reacções feitas nessa demonstração, tendo sido usados a dextrina do commercio, o assucar candi, a albumina animal e a gordura de porco, ficando perfeitamente evidenciado que a presença das materias organicas não impede a conversão do calomelanos em sublimado, notando-se que a dextrina favorece, que o assucar e pro-

vavelmente a albumina não a modificam, e, enfim, que a gordura acarreta em retardamento accentuado.

Selim em suas experiencias chegou, com referencia á albumina, a conclusões completamente oppostas, declarando favorecer ella notoriamente a decomposição do calomelanos pelos chloruretos alcalinos, phenomeno que attribue á propriedade que tem a albumina de aprisionar o ar atmospherico.

Junto a todas estas experiencias chimiques outras vão ser agora citadas ás quaes muito valor empresta Mialhe.

a) Queremos nos referir ás reacções do calomelanos com os chloruretos na ausencia do ar atmospherico, as quaes conduziram a elle chimico a affirmar que "fóra da presença do ar o sublimado formado é em proporção tres vezes menor".

Guibourt constatou que na temperatura ordinaria o chlorureto mercurioso rouba uma certa quantidade de oxygenio; em temperatura

mais elevada uma quantidade maior.

Patente deve ficar, portanto, que na reacção feita em presença do ar dois terços de sublimado obtido são produzidos sob a influencia do oxygenio e que um terço somente é devido á transformação pura e simples do calomelanos em bichlorureto de mercurio e em mercurio metallico.

e) As experiencias praticadas com o fim de demonstrar que o protochlorureto de mercurio se pode modificar em parte em bichlorureto sob a influencia da agua distillada fervendo privada de ar, demonstraram que ha a transformação, mas o sublimado resultante apparece em quantidade infinitamente menor (sic) do que quando a reacção se opéra em presença do oxygenio.

Como conclusão de todas as analyses quimicas numerosas que vêm de ser citadas, diz Mialhe "as experiencias permitem-me affirmar que é unicamente á sua transforma-

ção parcial em sublimado que o calomelanos deve todas as suas propriedades medicas''.

O chimico illustre que assim conclue pergunta: ''Si o protochlorureto de mercu-
rio tem acção sobre a economia pelo bichlorureto formado, poder-se-ha indicar a dose capaz de produzir em uma circumstancia dada?''

''A quantidade de chlorureto alcalino sendo variavel, duma maneira absoluta, segundo a idade e o sexo, e de uma maneira relativa, segundo cada individuo em particular, concebe-se seja, diz Mialhe, muito difficil, para não dizer impossivel, dar mesmo indicações approximativas a respeito''.

Continuando nessa ordem de considerações, o autor francez referindo-se ás experiencias já citadas em que a media do sublimado era de 15 milligrammas, pergunta si na economia humana, quando é ingerido o calomelanos, a proporção do bichlorureto formada não se obser-

varia em maior escala. Elle proprio responde que seria problema impossivel de resolver, e considerando que quanto ao calomelanos, como houvera em suas experiencias provado, quanto maior é a superficie offerecida ao ar, maior tambem a quantidade de sublimado produzida, pensa de boa norma prescrevel-o na clinica em dose elevada (de 60 centigrammas a 1 gramma e 20 centigrammas por exemplo) quando se quer obter deste medicamento o maximo de energia medica que elle produz em uma só administração.

Como se vê da exposição aqui feita, Mialhe chimicamente conclue que, em presença dos chloruretos, o calomelanos se transforma em uma pequena parte de sublimado, não julgando em hypothese alguma possivel determinar a quantidade exacta do toxico formada no interior do organismo.

Não se deve tambem olvidar que todas as minuciosas pesquisas de Mialhe se reportam,

além de outras, aos chloruretos; nenhuma, porem, aos carbonatos nem aos bicarbonatos alcalinos. Com estes as reacções dar-se-hão forçosamente de outro modo no aparelho gastro-intestinal.

Si realmente o sublimado formado, sempre que se administre o calomelanos, fosse na quantidade que se deve suppor pelas experiencias chemicas, como explicar o facto asseverado por Lémery de um alchimista que por habito nomia calomelanos com pão, chegando a ingerir quatro onças de uma vez (72 gr.) para se purgar docemente e purificar o sangue ?

Embora o que de extraordinario encerra o facto, elle merece credito pela fonte de onde partiu, e assim sendo, a admittir-se a transformação do calomelanos em sublimado na proporção indicada por Mialhe, de 0,015 deste para 0,60 de protochlorureto, deveriamos prever a formação, no estomago do alchimis-

ta alludido, de cerca de 2 grammas de sublimado, dose sufficiente para matar não um, mas muitos homens, o que seria inadmissivel.

Segundo Bouchard, o sublimado é mortal na dose de 0,0025 por kilogramma de animal em injeccão intravenosa.

Si é este o equivalente toxico exactamente do sublimado para cada kilo de animal, é logico que, pesando o homem na media 60 kilos, a dose toxica será naturalmente de um centigramma e meio.

Verdade é que Desbois (de Rochefort) assegura com convicção ter sido moda em tempo na Russia por em dissolução sublimado na primeira colherada de sopa, o que é tão inverosimil que o proprio Mialhe aceitando, todavia, o primeiro facto que citamos, acha impossivel admittir-se p segundo.

Com relação á associação da magnesia ao calomelanos, o que se deveria suppor incompativel, Faure, de Bordeaux, diz que "impres-

sionado pelos accidentes que algumas vezes poderiam resultar da medicação calomelica sob esse ponto de vista, para evital-os, propoz a associação da magnesia''. Por seu lado Bouchard diz ter visto os medicos inglezes não empregarem internamente o calomelanos sem misturar magnesia calcinada, temendo ver a inflammação augmentada pela transformação do protochlorureto em deuto chlorureto de mercurio.

Mialhe insistindo em suas conclusões affirma, entretanto, que a magnesia, com effeito, não decompõe o calomelanos sinão quando combinada com os chloruretos alcalinos, como sempre tem logar nos liquidos do corpo humano, si bem que o chlorureto mercurico decomposto pela magnesia, collocado em contacto com esses mesmos chloruretos, não tarde a volver ao seu estado primitivo.

Ainda Mialhe para terminar suas experi-

encias sobre o calomelanos refere que
"tendo ingerido 60 centigrammas desse medicamento, verificou da maneira mais evidente a presença de um sal de mercurio na urina emitida 12 horas depois da ingestão do remédio. Ora, continua elle, o sal mercurial excretado pelas urinas era certamente o sublimado corrosivo, porque, sendo o calomelanos insolúvel, não se poderia attribuir á sua presença as reacções mercuriaes apresentadas pelas urinas previamente submettidas á filtração".

Finalmente, o chimico francez termina com a seguinte categorica affirmação:

"O sublimado é o unico agente da medicação calomelica".

Longe de achar por isso que se deva administrar o calomelanos em doses minimas, diz Mialhe na pagina 476 do seu livro já citado: "Internamente pode-se elevar a dose a

muitas grammas, e desde que essa quantidade seja ingerida de uma só administração, o efeito medico não será mais sensível do que si se tivesse administrado somente meia gramma."

quanto á tolerancia das creanças e dos convalescentes para o uso do calomelanos, pensa o chimico francez que o facto se relaciona com a deschlorurusação naquelles observada pela ingestão prolongada de bebidas aquosas.

Em doses fraccionada (5 e 6 milligrammas de hora em hora), diz ainda elle, o calomelanos é quasi inteiramente transformado em sublimado e constitue um medicamento muito **energico**.

Da doutrina de Mialhe, que muito tempo ficou classica, bastante se approxima a opinião de Voit (1857) admittindo que, "sob qualquer forma que se introduza o mercurio, a acção dos chloruretos do sangue acarreta

a transformação dos sub-oxydos em calomelanos e dos oxydos em bichloruretos, este forma uma combinação com o chlorureto de sodio e a albumina."

Voit como Mialhe admite que a acção dos dento-saes é muito mais energica.

Hallopeau em seu excellente livro

"Du mercure, action thérapeutique e physiologique" affirma que essas proposições não são geralmente admittidas, pelo menos sob a forma absoluta que lhes deram seus autores, Buchheim e Ottingen pensam que o proto chlorureto se combina com a albumina em um composto assimilavel. Otto Graham admite que o protochlorureto de mercurio pode formar com os chloruretos do sangue saes duplos soluveis; segundo Hallopeau as pesquisas mais recentes parecem indicar que se produz em taes casos um sal duplo, um albuminato d'oxydo de mercurio, unido ao chlorureto de sodio, parecendo representar o ozona

um papel necessario na formação do composto citado.

Sobre tão interessante topico de chimica physiologica o eminente professor Jaccoud, descendo á analyse dos trabalhos de Voit e Owerbeck, entra em curiosos detalhes.

Segundo Voit, é o proprio mercurio que determina a transformação do exygenio em ozona, os globulos sanguineos não tendo outro papel senão o de transportar o ozona do mercurio ao chlorureto de sodio, o qual, graças á albumina (Selmi e Grimelli) acarretaria a metamorphose do metal em sal soluvel.

O processo seria, segundo Owerbeck, mais simples, pois o metal não teria propriedade alguma ozonogenica, mas encontraria perfeita-mente no sangue e no succo dos tecidos o ozono necessario para a formação do sal duplo, que é o resultado ultimo e constante da evolução do mercurio no organismo. A proprieda-

de ozonogenica que Overbeck recusa ao mercurio, attribue ao ferro da hematina das hemattias.

Não podem deixar de ser aqui mencionadas as interessantes pesquisas de Bellini com relação ás modificações que soffrem, no tubo digestivo em jejum, os chloruretos.

" O calomelanos, administrado internamente, é dissolvido em pequena proporção no estomago e em grande parte no intestino. No estomago forma-se, sob a influencia dos chloruretos alcalinos de um lado e do acido lactico do outro, um chlorureto duplo de mercurio e de sodio ou de ammonio ao mesmo tempo que um lactado de mercurio. No intestino a acção dos carbonatos alcalinos acarreta a formação de oxydo de mercurio e depois de um sal duplo. Uma vez chegado ao grosso intestino, o calomelanos soffre a acção do hydrogenio sulfurado e se transforma em sulfureto

de mercurio; esta ultima reacção não se produz nas creanças. Quando o protechlorureto de mercurio é introduzido no estomago durante a digestão, elle se decompõe em totalidade ou pelo menos em grande parte, sob a influencia das materias protecias; forma-se, sobretudo, mercurio metallico e um albuminato solubel.

'Si o calomelanos age efficazmente na primeira infancia, diz Bellini, é porque não se transforma em sulfuretos''.

Ainda, segundo esse autor, a magnesia favorece a acção provocando a formação de um chlorureto duplo de magnesia e mercurio. Os chloruretos, ao contrario, embaraçam a acção dos carbonatos alcalinos sobre o calomelanos e diminuem, contrariamente ao que se julgava outrora, sua propriedade purgativa.

Segundo Bellini, pois, deve-se evitar dar elementos salgados ao mesmo tempo que o calomelanos, não, como se pensava, para evi-

tar a formação de um excesso de sublimado e portanto uma acção muito activa, mas na convicção de não obter um effeito insufficiente.

Para Rabuteau, segundo Hallopeau (obra citada), o calomelanos soffre no interior do organismo uma metamorphose que dá nascimento a mercurio metallico e a bichlorureto. "É propavel, diz elle, que o bichlorureto se reduza por sua vez, dando chlorureto de sodio e mercurio metallico".

Entretanto, em seu tratado elementar de therapeutica e de pharmacologia (4a. edição 1884, pag. 893), Rabuteau citando a opinião de Mialhe que affirma a transformação do calomelanos em sublimado em contacto com as materias albuminoides e chloruretos alcalinos, declara que o facto não repousa sobre experiencia biologica directa, nem feita no homem nem nos animaes.

Alem dos já citados, autores admittem a transformação do calomelanos no tubo digestivo em sublimado (Liebig, Gubler e muitos outros).

Berlioz (Manuel de thérapeutique, Pariz 1892, 3a. edição, pag. 360) é assim que se exprime sobre o assumpto.

"Recommenda-se habitualmente não administrar ao mesmo tempo que o calomelanos substancias acidas ou salgadas, no intuito de evitar a sua transformação em bichlorureto de mercurio. Estes temores não são fundados: o calomelanos é um sal fixo que não se transforma facilmente em bichlorureto, como resulta das experiencias de Buckheim, Verne, Mosée e Adam".

Por seu lado, Armand de Fleury (Leçons de thérapeutique générale et de pharmacodynamie, Pariz - 1875, pag. 600) já dizia que "a theoria da redução e da recomposição

successivas, finalmente do desdobramento dos saes de mercurio, não está ainda sufficientemente demonstrada pela chimica organica'.

Combatendo a doutrina da transformação do calomelanos em sublimado no estomago, entre outros o sabio Professor Fonssagrieves (Tr. de matiere médicale, 1884, pag. 332) declara poder-se "invocar contra as affirmações muito absolutas da chimica a falta de influencia exercida sobre a quantidade de sublimado que se fórma pela natureza da alimentação, a qual deve conter quantidades muito diversas de chlorureto de sodio; assim, os marinheiros cujos humores estão impregnados desse sal, manifestaram jamais intolerancia particular para o calomelanos ! Eu nunca vi nem ouvi dizer de modo a me convencer."

Contingente valioso sem duvida alguma a elucidação da questão traz a affirmativa do notavel Professor Pouchet (Absorption et dissémination des composés mercuriels dans

l'organisme, Bulletin Générale de Thérapeutique, Tomo CXLIII, pag. 652). "A suposição de que este ou aquelle sal mercurial, assevera Pouchet, soffre transformações subitas no organismo em presença dos acidos organicos é de uma interpretação seductora, não só pela simplicidade como pela apparente rigor."

Estudando, porem, de perto o modo pelo qual as cousas se passam, não se tarda a adquirir a certeza de que é uma suposição deficiente e erronea.

Si é admissivel que a prova experimental directa não passa ser fornecida, que a introdução no organismo de compostos mercuriaes soluveis ou insoluveis seja capaz de provocar duplas decomposições e reacções, tendo como resultado a producção de quantidade mais ou menos fraca de chlorureto mercurico, que por seu turno em conflicto com a albumina em presença do chlorureto de sodio

concorrerá necessariamente para a formação de um chloro-albuminato soluvel, é certo do mesmo modo que todas as tentativas feitas para demonstrar a presença no sangue destes productos de metamorphose conduzem invariavelmente a resultados negativos.

'A hemoglobina possui a propriedade de precipitar as soluções albumino-hydrar-gyco-alcalinas'.

Continuando nas nossas considerações sobre o assumpto, passamos agora a referir-nos á associação particularmente do calomelanos aos carbonatos e bicarbonatos.

Entre as substancias synergicas e auxiliares do calomelanos pela transformação em uma substancia de actividade superior estão, segundo Gubler, os chloruretos alcalinos e alguns acidos.

Jeannel (Journal de Médecine de Bordeaux, 1869) contesta aos chloruretos alca-

linhos o papel exclusivo que lhe attribuia. Lialhe e julga serem os carbonatos de base alcalina que intervêm: em presença desses carbonatos as materias gordurosas dissolvem o oxydo de mercurio, que é o resultado da decomposição do calomelanos.

Esta se effectuaria, segundo o autor, sobretudo ao contacto dos humores alcalinos do intestino. O oxydo de mercurio é absorvido no estado de sal graxo ou de albuminato.

C. E. Boyntom (Wisconsin Medical Recorder, July 27 - 1901), por seu lado, diz que na clinica nunca administra acidos quando prescreve o calomelanos, mas sempre emprega carbonato de sodio ou de potassio.

Mais cathgorico e explicito ainda é J. A. Riviere (British Medical Journal, 12, outubro 1901), que em bem fundamentado artigo declara que ao calomelanos associado bicarbonato de sodio é sempre bem tolerado pelos estomagos os mais sensiveis. Nunca

é contraindicado. "Systematicamente, diz elle, eu dou a todos os meus doentes de febre, calomelanos e bicarbonato de sodio, ãã 25 centigrammas, collocado directamente sobre a lingua á meia noite, seguidos na manhã seguinte de oleo de ricino batido em agua quente ou 8 grammas de magnesia (para um adulto). Eu estou habituado, continua Riviêre, a associar o bicarbonato de sodio ao calomelanos, porque notei augmento de tolerancia gastrica com o uso desta combinação. O calomelanos em presença do bicarbonato de sodio no estomago é talvez transformado em um composto mercurial de taes propriedades moleculares que a sua penetração intra-celular seja garantida com effeitos anti-bacillares, anti-toxicos e antisepticos."

O Dr. Hare, americano, segundo informação que forneceu o nosso illustre collega sr. Dr. Placido Barbosa, emprega sempre com bom resultado nas pneumonias a associação do

calomelanos ao bicarbonato.

As considerações que vimos de adduzir por si sós bastariam para dar á questão uma solução favoravel.

Quizemos porem tornar completa a nossa missão e eis porque fazemos-a acompanhar de mais algumas linhas.

Antes do mais, deve-se declarar sem escrupulo de contestação, que a muitos medicos brasileiros nunca acudiu os maleficios da pretendida incompatibilidade clinica do calomelanos e do bicarbonato.

Nesse sentido, alem dos subscriptores do presente parecer, profissionaes distinctissimos como os professores Drs. Rocha Faria, Siqueira Correia e Luiz Chaves Filho, lentes da Faculdade de medicina do Rio de Janeiro; Dr. Amilio Gomes, Director do Laboratorio de Bacteriologia do Estado; Pinto Portella, chefe de consultorio de creanças do Hospital de Misericordia; G. Philadelpho, chefe do Serviço

de Clínica Médica do "Dispensario Moncorvo"; Pires Farinha, medico da Casa de Correção; Cicero Ferreira, Olyntho Meirelles, Castro Peixoto, Julio Monteiro e muitos outros que poderiam ser no momento citados, são todos de opinião contraria á pretensa incompatibilidade, alguns até empregando systematicamente, como asseveram, a alludida associação, e longe de colherem funestas consequencias, podenso assignalar os mais beneficos resultados.

Um de nós (Moncorvo Filho) que exerce ha alguns annos a especialidade de creanças, sempre nestas empregou simultaneamente o calomelanos e uma poção antiseptica entrando o bicarbonato em dose elevada (1, 2 grammas e mais), e nunca teve de registrar accidente algum, Ao contrario, uma poção nas condições referidas facilita o effeito cholagogo conferindo ao antiseptico empregado (salol, betol, benzonaphtol, etc) maior energia de acção.

A nossa commissão uma vez investida da honrosa incumbencia do presente parecer, procedeu a experiencias diversas logo executadas, que vieram comprovar o nosso juizo.

A todos que assistem ao Serviço de Clinica Medica do "Dispensario Moncorvo" do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia foi dado ver o emprego do calomelanos e do bicarbonato associadamente e em uma doze só em creanças, prescripto pelo Sr. Dr. Philadelpho, o qual colheu muito bom resultado.

Um de nós (Nascimento Gurgel) adjuncto a enfermaria de clinica do Hospital a cargo do Sr. Dr. Rocha Faria, seguindo a pratica de longo tempo usada por este abalizado professor, ensaiou em muitos doentes, sempre com vantagem, os dois medicamentos juntos, administrados em capsulas.

Por seu lado o outro subscriptor deste parecer (Luiz Bulcão) nunca se arreceou da in-

compatibilidade ephemera que a chimica, na opinião de alguns, revela.

Não quizemos que a decisiva resposta á questão suscitada a proposito de tão discutido assumpto pudesse dar margem a duvidas, e por isso aqui consignamos factos que significam verdadeiras contraprovas proporcionadas pela experimentação em animaes.

Por indicação de um de nós (Moncorvo Filho) os illustres chimicos pharmaceuticos, Drs. Roberto Gomes Caldas, Antonio E. Gouvea (Doutorandos), Thomaz Collares e Abraham Lincoln Silviano Brandão, se dignaram proceder a varias experiencias em cães e que aqui rememoremos:

1.ª experiencias. Dia 20 de Agosto, ao meio dia: 2 cães - Um de 12 kilos e 300 grammas tomou bicarbonato de sodio e calomelanos, em 30 centigrammas, e em seguida 10 cent. cubicos dagua commum; o outro de 6 kilos e 200

grammas, serviu de contraprova, ingeriu 30 centigrammas de calomelanos apenas, seguido de 10 centrs. cubicos d'agua.

Este evacuou abundantemente ás 9 horas da noite (fézes escuras e pastosas), e o primeiro dejectou ás 10 e meia da noite (fézes liquidas amarello-escuras).

Nenhum dos dois apresentou phenomeno algum digno de nota, ambos tendo, dois dias depois, augmentado até de peso.

2a. experiencia. Dia 23 de Agosto, á 1 hora da tarde: 2 cães. A uma cadella de 8 kilos e 100 grammas foi administrado o calomelanos e o bicarbonato de sodio, ~~ãã~~ 60 centigrammas, e em seguida 10 cm. cubicos d'agua.

Evacuação abundante e biliosa (verde carregado) ás 4 horas da tarde. O segundo cão que serviu de contraprova, com 14 kilos, tomou apenas 60 centigrammas de calomelanos, seguido de 10 cent. cubicos d'agua commum, e teve a

primeira dejecção ás 8 horas da noite (fêzes escuras). Nenhum phenomeno digno de nota.

Uma circumstancia convem ser assignalada, embora pareça de somenos valor.

Dos quatro cães submettidos á experien-
cia foi verificado um certo grau de tristeza
e prostração passageiras, justamente naquiel-
les que ingeriram o calcmelanos isoladamente,
mostrando-se os outros dois, que foram submet-
tidos á associação medicamentosa, excellente
aspecto e bem estar.

Estas experiencias assistidas por muitas
testemunhas, inclusive os membros desta com-
missão, foram praticadas com todo o rigor sci-
entifico no Gabinete de Analyses do "Dispen-
sario Moncorvo" do Instituto de Protecção e
assistencia á Infancia.

Si as apresentamos resumidamente é por-
que ellas serão opportunamente publicadas in
extenso.

Querendo que a nossa opinião no terreno

da clinica fosse amparada pela de profissionais de nomeada, enviamos a alguns medicos que exercem nesta Capital os seguintes quesitos:

1º. Já empregou V. Exa. o calomelanos associado ao bicarbonato de sodio ?

2º. Julga V. Exa. haver incompatibilidade nessa mistura ?

3º. Qual a acção therapeutica dessa mistura no tratamento da diarrhéa infectuosa infantil ?

4º. Acha V. Exa. vantagem no emprego dessa associação medicamentosa ?

Felizmente 3 respostas conscienciosas podemos inserir e que falam bem alto em favor da victoria da questão Moss.

São as seguintes:

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1902.

Exmos. Snrs. Drs. Moncorvo Filho, Luiz

Bulcão e Nascimento Gurgel.

Respondendo á vossa carta de 14 do corrente com relação ao emprego therapeutico do calomelanos associado ao bicarbonato de sodio, cabe-me o dever de communicar-vos, nos termos dos quesitos formulados, o seguinte:

ao 1º. Sim; de longa data emprego essa associação medicamentosa, em adultos, e geralmente o faço na seguinte formula: calomelanos 15 centigram., bicarbonato de sodio 30 centigr., para um papel, mande tres, um de ra em hora:

ao 2º. Não; nem posso comprehender tal incompatibilidade no tubo gastro-intestinal;

ao 3º. Não formo juizo proprio sobre o effeito da referida mistura na diarrhêa in-
fectuosa infantil, por não ter habito de prescrevel-a nesses casos:

ao 4º. Sim; acho de grande vantagem essa associação por ser assim augmentada a acção purgativa do calomelanos, sem prejuizo

algum, e sem emprego de ulterior laxativo.

Podeis fazer de minha resposta o uso que aprouver.

Com distincta consideração subscrevo-me.

Att° Coll. e Cr° Obr°

Benjamin Rocha Faria.

Rio de Janeiro, 28 de Agosto de 1902.

Exmos. Snrs. Drs. Moncorvo Filho, Luiz

Polcção e Nascimento Gurgel.

Meus illustrados collegas.

Aos quesitos, em numero de quatro, cons-

tantes da carta que me fizeram HV. EE, a hon-

ra de dirigir, respondo:

Ao 1°. Nunca prescrevi, em formula sin-

gla, associados, o calomelanos e o bicarbo-

nato de sódio.

Ao 2°. No dominio puramente clinico se

ne-afigura insubsistente a incompatibilidade

arguida, porquanto, longos annos ha, prescre-

vo contemporaneamente, sem accidentes tangíveis, calomelanos e bicarbonato de sodio.

Ao 3º. Na hypothese, figurada na resposta ao quesito antecedente, com excepções raras, é de regra o effeito curativo na diarrhéa infantil infectuosa, não bacillar.

Ao 4º. Prejudicado.

Dentro das normas deontologicas podem, sem restricções, os meus collegas usar desta resposta como lhes convier.

Com a mais distincta consideração, sou

De VV. EE.

attencioso collega e admirador

Simões Corrêa

Rio de Janeiro, 30 de Agosto de 1902.

Exmos. Snrs. Drs. Moncorvo Filho, Luiz Sulcão e Nascimento Gurgel.

Em resposta aos quesitos que VV. EE.

formularam cabe-me dizer-lhes, agradecendo a honra que me dispensaram, o seguinte:

1º. Nunca empreguei o calomelanos asso-

ciado ao bicarbonato de sodio, porem os te-
 nho prescripto na mesma creança separadamen-
 te: assim nas infecções intestinaes, agudas
 ou chronicas, tenho dado o calomelanos já em
 dose massiça, já em doses fraccionadas, e a-
 conselhado, quando não se faz mister a dieta
 hydrica, o leite com bicarbonato de sodio,
 ou com agua de Vichy.

Até hoje ainda não tive motivos de ar-
 rependimento em assim proceder.

2º. Chimicamente, parece-me não haver
 a menor duvida quanto á incompatibilidade das
 duas substancias, e com o fim de formar ju-
 zo no tocante á esta questão chimica, pedi ao
 distincto pharmaceutico o meu collega da Aca-
 demia Nacional de Medicina desta Capital, o
 Sr. Orlando Kangel, que procedesse a algumas
 experiencias. Findas estas, escreveu-me o dis-
 tincto collega e amigo o seguinte: "Das ex-
 periencias a que procedi concluo: o calomela-

nos associado ao bicarbonato de sodio, em presença da agua, altera-se parcialmente em oxydo mercurioso negro. Esta transformação entretanto, não se passa com a mesma energia e intensidade da qual tem logar com o referido sal de mercurio e as bases alcalinas e alcalino-terrosas, os carbonatos alcalinos, a magnesia. Si não se tratar, porem, de um bicarbonato de sodio puro, livre principalmente de carbonato, então a reacção é mais prompta e fraca."

Agora, pergunto eu. Esta alteração e transformação do calomelanos em bichlorureto, cyanurato, ou biiodureto de mercurio em contacto com certas substancias, taes como os acidos, os alimentos salgados, as amargas amargas, a agua de louro cereja, o loock, o iodo, etc., que se observa nos laboratorios quimicos, dar-se-ha por ventura no tubo digestivo ?

É esta uma questão importante e as opiniões são divergentes, parecendo-me que a opinião daquelles que não acreditam em tal transformação, baseando-se em experiencias recentes, vae, de dia em dia, tendo maiores adeptos. É assim que Le Gendre e Broca, em seu excellente tratado de therapeutica infantil, dizem que "esta transformação é mais theorica do que real", referem-se ás experiencias de F. Adam e concluem que é mais prudente o medico não desprezar as recommendações no tocante a esta assumpto para não se expor a ser taxado de ignorante ou negligente: donde é facil concluir que elles não acreditam em tal incompatibilidade.

Respondo, pois, a este quesito da seguinte fórma: ~~chimicamente são incompativeis clinicamente~~, porem, não creio em tal ~~incompatibilidade~~.

Os 3º e 4º quesitos ficam prejudicados pela resposta do 1º.

Tal é a minha opinião, de que VV. EE. poderão fazer o uso que lhes convier e com prazer a sujeito ás suas muito sabias apreciações.

Com estima e alta consideração

De VV. EE.

Crº venerador e collega obrº

J. Pinto Fortella, Chefe do serviço de creanças do Hospital da Santa Casa.

No exercicio da clinica e principalmente no tocante á therapeutica preciso se torna, é verdade, que tenhamos em consideração os lapos que prendem a medicina á physiologia, valor não pequeno tambem merccendo o
doente em si.

Nesse sentido muito bem se exprimiu Claude Bernard quando escreveu "La clinique, en-
 seigne-t-il, doit necessairement constituer la

base de la médecine. L'objet des études du médecin est le malade, et c'est la clinique qui lui en donne la connaissance. La physiologie n'intervient ensuite que comme une science explicative que nous fait reconnaître ce que nous avons observé; car la science n'est en réalité que l'explication des phénomènes. Mais dans ces explications la médecine doit procéder graduellement et ne jamais s'écarter de l'observation clinique rigoureuse, sans cela elle fait fausse route. Malheureusement il est faits cliniques pour les plier à digo, Malheureusement il est des médecins qui, trop pressés de tout comprendre, faussent ou dénaturant les faits cliniques pour les plier à leurs explications physiologiques, hypothétiques ou prématurées. Ceux-là nuisent plus à la médecine scientifique qu'ils ne la servent réellement."

Ora, nós sabemos, como muito bem declarou Debove, que esta influencia da physiologia não está circumscripta á pathologia; ella se estende á therapeutica.

O clinico, é certo, não se deve contentar em dar medicamentos em tal ou tal moles-tia somente porque a pratica medica mostrou as vantagens de seu emprego, porque isso seria voltarmos ao dominio do expirismo com o seu cortejo de malficios.

Deve-se procurar investigar o mechanismo de sua acção para que saibamos porque e como agem elles.

Ora, pela exposição que fizemos, não se pôde dar fóros de victoria á chimica em relação ao mercurio, e particularmente ao calomelinos quando pretendem julgar-o incompativel com certos outros medicamentos.

Chimicos de competencia e observadores que militam em serviços clinicos onde a the-

rapeutica é posta em pratica com todo o rigor scientifico, contestam a supposta incompatibilidade do protochlorureto de mercurio com os alcalinos, em cujo numero está o bicarbonato.

Como muito logicamente asseverou o Sr. Dr. Benjamin Moss na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Bello Horizonte - estomago não é retorta, e ninguem no estado actual da sciencia deixará guiar-me exclusivamente por uma reacção in vitro em contraposição completa á experimentação em animaes e á longa observação clinica de proficientes scientists que categoricamente affirmam a não incompatibilidade clinica do calomelanos e do bicarbonato.

Ai de nós, clinicos, si uma experiencia chimica apenas pudesse derrocar uma theoria corrente; então teriamos que destruir os solidos edificios da physiologia, da clinica e da therapeutica !

Demais, no caso concreto que discutimos,

já vimos que todas as tentativas feitas com o intuito de encontrar no sangue o sublimado, producto que pretende demonstrar existir a reacção in vitro, foram completamente infructíferas, accrescendo a circumstancia de haver Pouchet e outros demonstrado que a hemoglobina possui a propriedade de precipitar as soluções albumino-hydrargyrico-alcalinaa.

Longe poderíamos ir se os argumentos aqui insertos não bastassem para sobejamente demonstrar a não incompatibilidade do calomelanos e do bicarbonato.

Elles, porem, sufficientemente confirmam a doutrina do nosso estudioso collega Dr. Moss, um dos clinicos brasileiros que, embora cercado da maior modestia, tanto tem procurado levantar o credito das nossas sciencias medicas com publicações proveitosas á clinica quotidiana.

Do que foi dito parece poder-se concluir:

1º. que a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro procurou resolver a questão da incompatibilidade do calomelanos e do bicarbonato de sodio sob o ponto de vista clinico.

2º. que para Hallopeau, Bucheim, Ottin-gen, Bellini, Rabuteau, Berlioz, Verne, Mossé, Adam, Fonssagrives, Pouchet, Jeannel, Hare, Boynton e J. A. Rivière, clinicos e experimentadores da maior respeitabilidade contestam a decomposição no organismo do calomelano em sublimado.

3º. que clinicamente fica provado não haver incompatibilidade entre o protoclouro de mercurio e o bicarbonato de sodio, como attestam as abalizadas opiniões dos illustres clinicos Srs. Drs. Rocha Faria, Simões Corrêa, Luiz Faria, Emilio Gomes, Pinto Portella, G. Philadelpho, Pires Farinha, Cicero Ferreira, Clyntho Meirelles, Castro Peixoto,

Julio Monteiro, e muitos outros, o que foi por nós (Nascimento Gurgel, Luiz Bulcão e Moncorvo Filho) perfeitamente demonstrado.

4^o. que as experiencias em animaes demonstraram a perfeita tolerancia e completa innocuidade da associação medicamentosa em questão.

5^o. que o Sr. Dr. Benjamin Moss muito bem andou procurando esclarecer a questão, até então, algum tanto obscura da pretensa incompatibilidade do chlorureto mercurico e dos alcalinos.

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1902.

Dr. Moncorvo Filho (relator).

Dr. Luiz Bulcão.

Dr. Nascimento Gurgel.

O Sr. Presidente declara, que este parecer será discutido na segunda parte da ordem do dia da proxima sessão.